

DF - Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

Samba estatal

- 5 MAR 1987

Brasília volta à sua rotina, depois do carnaval, sofrendo o impacto de uma greve de lixeiros. Mas, acima de problemas políticos, permanece em discussão um plano para a construção do nosso sambódromo, que deverá se chamar Sambrasilândia, segundo os estudos que o Governo do DF está fazendo. Assentada a poeira do Eixão, mas ainda com a memória fresca do que foi a nossa última folia, vale a pena pensar neste assunto.

Por infeliz coincidência, é voz geral que este foi o carnaval mais fraco dos últimos anos em Brasília e nas suas cidades-satélites. Pode ser que o fim da euforia do cruzado tenha contribuído para o arrefecimento dos ânimos. Houve quem atribuisse a frieza à própria chuva, que caiu desde o sábado, ou mesmo à neurose da Aids. O certo é que não houve entusiasmo com o trio elétrico, nem com o desfile no Eixão, nem mesmo com o Pacotão.

Até nos clubes, onde se refugiava anteriormente uma animação persistente e muitas vezes importada do Rio e de São Paulo, o clima não foi dos mais quentes. Será que os brasilienses que gostam do carnaval foram para outras cidades? — é a pergunta que se pode fazer, sem obter resposta. Esta polêmica é tão antiga e desgastante quanto a transmissão (ou não) dos jogos de futebol pela TV.

Existe, no entanto, um assunto

palpável, concreto, atual e discutível no ar, que é a implantação do Sambrasilândia. Será que uma cidade sem tradição carnavalesca merece um sambódromo? Será que uma unidade da Federação que vive às custas dos subsídios federais e que enfrenta dificuldades para pagar lixeiros, professores, médicos e empregados de água e esgoto, deve ter um sambódromo?

O nosso Sambrasilândia, tal como a praça carnavalesca do Rio de Janeiro, é resultante de projeto feito pelo arquiteto Oscar Niemeyer, homem de competência e atributos técnicos inquestionáveis, louvado pelos estetas de todo o mundo. Existe, no entanto, muito mais do que estética a se considerar num projeto de porte tão alto.

O Governo do DF já deixou claro que o projeto não representa despesa direta para o Executivo brasiliense, pretendendo-se implantá-lo com a participação do empresariado privado (tal como o Panteão, que foi construído com verbas do Bradesco). A sociedade de Brasília pergunta, porém, se não seria mais interessante dirigir este apoio dos empresários para empreendimentos de conteúdo social, como escolas, albergues, creches, etc?

Poucos temas despertaram participação da comunidade tão intensa como este. Rádios, TVs e jornais têm recebido cartas, telefonemas e comunicações diretas de brasilienses que se sentem per-

plexos com a prioridade que o GDF pretende dar à idéia que surgiu de um sonho do sambista Brigadeiro. É natural que um homem ligado às escolas de samba, que dedicou toda a sua vida a esse ambiente, fazendo cultura popular, defenda o Sambrasilândia, mas certamente a maioria da nossa população não concorda com as idéias de Brigadeiro.

Em pleno carnaval, o **CORREIO BRAZILIENSE** fez uma enquête, com pessoas fotografadas e identificadas, e ficou patente a crítica da comunidade ao projeto. Um dos entrevistados, num desabafo crítico, chegou a exagerar, quando declarou: "É preciso primeiro inventar o carnaval em Brasília". Não é necessário usar argumentos tão extremos, porque Brasília tem, realmente, um carnaval contido, quase provinciano, que chega a agradar aos que ficam na cidade durante a folia. Só que este carnaval não apresenta organização nem atrativos suficientes, ainda, para merecer um sambódromo.

A segunda parte da discussão é também muito polêmica. Por que implantar o Sambrasilândia no Parque da Cidade, um local de descanso, destinado à preservação ecológica de uma faixa verde no coração da cidade? A perplexidade diante dessa perspectiva ficou patente, também, na enquête que o **CORREIO** fez no carnaval. São assuntos para meditação pós-carnaval.